

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA

ADRIANO MARQUEZ LEITE
CIBELLE FERNANDES CARVALHO DE BRITO
GABRIELA FERNANDES CANSECO

**CLICKPAN 2007:
UM OUTRO LADO DO JORNALISMO ESPORTIVO**

Goiânia

2007

ADRIANO MARQUEZ LEITE
CIBELLE FERNANDES CARVALHO DE BRITO
GABRIELA FERNANDES CANSECO

CLICKPAN 2007
UM OUTRO LADO DO JORNALISMO ESPORTIVO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Comunicação Social – habilitação
em Jornalismo da Universidade Federal de
Goiás para a obtenção do grau de Bacharel.

Orientadora: Prof.^a Ms. Silvana Coleta Pereira

Goiânia
2007

ADRIANO MARQUEZ LEITE
CIBELLE FERNANDES CARVALHO DE BRITO
GABRIELA FERNANDES CANSECO

CLICKPAN 2007
UM OUTRO LADO DO JORNALISMO ESPORTIVO

Projeto apresentado à Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, aprovado em _____ de dezembro de 2007, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof.^a Ms. Silvana Coleta Santos Pereira
Orientadora

Prof.^a Ms. Angelita Pereira de Lima
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia – UFG

AGRADECIMENTOS

A nossos pais, familiares e amigos que nos apoiaram durante todo o curso.

À nossa professora orientadora, Silvana Coleta Santos Pereira, que aceitou encarar o desafio deste trabalho conosco e nos orientou com toda dedicação.

Ao designer Carlos César Filho, Cacá, pela criação e desenvolvimento do *site*.

Aos colegas e professores do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, pela convivência e participação fundamental em nossa formação.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo debater as diferentes maneiras do jornalismo esportivo, hoje, e propor uma cobertura via *website* dos Jogos Pan-americanos Rio 2007. O projeto apresentado contém um estudo detalhado dos distintos modos pelos quais o esporte é veiculado nas mais variadas mídias, como um todo, e delimita o campo de cobertura quando da realização do sítio eletrônico, www.clickpan2007.com. O relatório monográfico faz uma análise da aplicação prática dos conceitos desenvolvidos durante a revisão teórica, apontando os fatores positivos e negativos deste processo.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo esportivo, cobertura jornalística, internet

ABSTRACT

The objective of this assignment is to debate of the different ways in which the sport's journalism fits nowadays, and to propose the coverage of the Rio 2007 Pan-American Games, through website. The presented project contains a detailed study of the diverse ways through sports are broadcasted on many medias, as a whole, and limits the coverage field when the www.clickpan2007.com site gets on air. The monographic report analyses the practical application of the developed concepts during the theoretical revision, pointing the positives and negatives facts of this process.

KEY-WORDS: sports journalism, journalistic coverage, internet

SUMÁRIO

1 - APRESENTAÇÃO	08
2 - O PROJETO	09
2.1 - INTRODUÇÃO	09
2.2 - TEMA	10
2.3 - QUESTÃO-PROBLEMA	10
2.4 - JUSTIFICATIVA.....	10
2.5 - OBJETIVO GERAL.....	11
2.6 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
2.7 - METODOLOGIA.....	12
2.8 - EMBASAMENTO TEÓRICO.....	13
2.8.1 - O papel da imprensa na história.....	13
2.8.2 - Internet: possibilidades amplas de inovar e criar.....	15
2.8.3 - Texto em revista: características “libertadoras”.....	16
2.8.4 - Revista eletrônica.....	18
2.8.5 - A teoria do agendamento e a imprensa esportiva.....	19
2.8.6 - O jornalismo esportivo no país do futebol	20
2.8.7 - Técnicas de Jornalismo esportivo e o esporte como construtor de Identidades.....	21
2.8.8 - Em busca de uma pauta criativa.....	23
2.8.9 - Uma cobertura diferenciada.....	24
3 - RELATÓRIO MONOGRÁFICO	26
3.1 - PRÉ - PAN – RELATOS DOS ACONTECIMENTOS ANTERIORES A TUDO.....	26
3.2 - DIA-A-DIA DA REDAÇÃO CLICKPAN.....	28
3.3 - CLICKPAN EM TEORIA E PRÁTICA.....	31
3.4 - BASTIDORES CLICKPAN – SUCESSO DA NARRATIVA PESSOAL.....	34
3.5 - PONTOS CRÍTICOS – O QUE NÃO FUNCIONOU NO CLICKPAN 2007.....	35
3.6 - EMAIL DE CONTATO - RETORNO MAIS QUE DESEJADO.....	35
3.7 - NOSSO OLHAR SOBRE O PAN.....	37
3.8 - ALÉM DA REDAÇÃO.....	38
4 - CONCLUSÕES	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
APÊNDICE - PRODUÇÃO DO SÍTIO ELETRÔNICO	45

1 - APRESENTAÇÃO

A única maneira de mostrar que o esporte é viável é mostrar que o jornalismo esportivo não é feito apenas por esporte (COELHO, 2003).

Por meio do jornalismo esportivo, se abre um leque de oportunidades e interessantes formas de colocar em prática conceitos da comunicação, de abordar temas relevantes para a sociedade e de criar, inovar e fazer um jornalismo diferente. Um jornalismo ousado na linguagem, pela forma como se apresenta, e nas possibilidades reais de expandir idéias e abordar temas distintos que surgem intrínsecos ao esporte.

A revista, principalmente no que diz respeito à linguagem, é capaz de ir além do óbvio, dando riqueza à notícia, beleza e magia ao texto, sem deixar de colocar os fatos em seus devidos lugares. Suas características libertadoras dão o tom, o estilo e o foco necessários para um jornalismo mais criativo e menos padronizado. As interpretações e impressões do autor, o senso de observação e capacidade de associar fatos acabam por completar o que Villas-Boas deu o nome de “visão de mundo”, elemento essencial para uma boa narrativa jornalística.

O meio ideal para difundir, expandir e disseminar a tentativa de um jornalismo diferente, repleto de novas idéias, hoje é a internet. Com alta capacidade de interação, instantaneidade, dirigibilidade, pessoalidade e acessibilidade, a *web* se apresenta como elemento fundamental para as inovações, vislumbrando novas formas de se comunicar, expressar e informar.

Assim, o jornalismo esportivo associado à revista e à internet é uma fórmula que pode conduzir ao caminho da cobertura jornalística diferenciada dos Jogos Pan-americanos Rio 2007.

Este trabalho surgiu da necessidade de discutir alguns pontos das teorias da comunicação, de fazer algo diferente, de fugir dos padrões das grandes mídias e valorizar elementos interessantes da sociedade que permeiam o esporte, que traz consigo uma carga de construção de identidades, que cria histórias e também desvenda realidades.

O site ClickPan 2007 (www.clickpan2007.com) foi o ponto de chegada desse caminho, que possibilitou a discussão de temas que saíram do campo teórico para se fazer presente na prática. Possibilitou também a execução de um jornalismo mais criativo, dinâmico, crítico e humano.

O trabalho de conclusão apresenta-se da seguinte maneira: no capítulo 1, é apresentado o projeto de pesquisa, em que são abordados os temas deste trabalho junto à questão problema, justificativa e nossos objetivos. Na metodologia explicamos toda a estrutura elaborada para a revista eletrônica *Click Pan 2007*. No embasamento teórico abordamos aspectos de relevância para a construção do sítio eletrônico, como o meio de comunicação Internet, seus aspectos polêmicos, além das características dos textos voltados para o jornalismo esportivo e os textos de revista e, mais especificamente, revista eletrônica. São apresentados conceitos relevantes para o trabalho como a teoria do agendamento, do jornalismo esportivo e do texto jornalístico para revista.

No capítulo 2 fazemos o detalhamento das nossas experiências com o projeto. Essa narração de fatos inicia-se com o período anterior aos Jogos Pan-americanos, que relata as primeiras idéias sobre a cobertura esportiva, apoios recebidos, logística e mídias espontâneas geradas pelo projeto, que trouxeram maior visibilidade à cobertura. Em seguida narramos a experiência do evento em si, em que é explicada a “rotina” da redação e o elo entre teoria do projeto e prática do *site*. São especificados os pontos que são considerados destaque, assim como aspectos críticos, que deixaram a desejar. O relato pessoal deste trabalho está contido na rápida descrição de alguns personagens e fatos considerados extraordinários nos 17 dias do maior evento esportivo das Américas.

O capítulo 3 abriga nossas considerações finais, que traz a conclusão do estudo e a importância da mesma na história de cada um. Por fim, apresentamos as referências bibliográficas e o apêndice, com toda a produção realizada para abastecimento do *site*.

2 - O PROJETO

2.1 - INTRODUÇÃO

Os Jogos Pan-Americanos 2007, que ocorrerão entre os dias 13 e 29 de julho no Rio de Janeiro, são, sem dúvida, o maior evento esportivo das Américas, não só pela importância dos jogos em si, mas também pela capacidade de mobilização de pessoas de todos os estilos, lugares, países, interesses, idades e pensamentos. Para que o Pan ocorra, diferentes aspectos, setores da sociedade e mecanismos administrativos estão envolvidos e permeiam o caráter esportivo do evento.

Assim, este projeto pretende estudar e fazer uma cobertura que dê visibilidade a todos os esportes. E mais do que isso: uma cobertura de bastidores, opiniões e reportagens diferenciadas do Pan. O objetivo não é fazer um jornalismo de resultados e *rankings*. A meta é levar, por meio da internet, uma visão que poucos têm de qualquer evento. Falar dos desafios de cada atleta, valorizar seu esforço, determinação, sua história. Dar espaço também para matérias com organizadores, voluntários, torcedores, visitantes, turistas, comerciantes, pois o Pan é na verdade um grande evento formado também por vários personagens secundários.

Para uma cobertura realmente diferenciada, é necessário primeiro entender como são feitas hoje as coberturas esportivas, como o jornalista trata das questões do esporte, além de compreender e discutir os tipos linguagem usados e as formas de se apresentar uma notícia. Temas como teorias do jornalismo, revista eletrônica, internet, história da comunicação, esporte na sociedade e jornalismo esportivo estão presentes na discussão teórica do projeto para que sejam aplicados na prática.

2.2 - TEMA

Jornalismo esportivo e a cobertura na Internet dos Jogos Pan-americanos 2007.

2.3 - QUESTÃO-PROBLEMA

Como realizar, por meio de uma revista eletrônica, a cobertura da mobilização dos jogos pan-americanos 2007 e seus personagens, a partir da linguagem do jornalismo esportivo?

2.4 – JUSTIFICATIVA

Escolher. Talvez não haja verbo mais difícil de conjugar, em qualquer idioma. Pensar, decidir, excluir caminhos, incluir idéias. Desde que o homem se entende por tal, tem que fazer suas próprias escolhas. Com quem casar, qual religião seguir, qual futuro construir. As influências são infindáveis. As opções também. Será?

Para este trabalho, a escolha pelo jornalismo esportivo enquanto nosso objeto de estudo não foi fácil. No entanto, movidos pelo desejo de ajudar as pessoas a escolherem, é que optamos por este caminho e não outro. Foi pela ânsia de produzir a informação dos esportes em outros moldes que, aqui, nos orientamos.

Adotado por quase todas as empresas de comunicação, o atual modelo de veiculação de notícias privilegia aquelas cujo retorno financeiro é maior. Desta forma, no campo esportivo, trata questões específicas diariamente e esquece de enfatizar tantas outras vertentes e modalidades praticadas. Muito disso baseado, apenas, no lucro.

Na teoria do *Agenda Setting*, todo esse processo se mostra evidente. A grande mídia abre espaço e pauta o gosto da população. O contrário também ocorre, mas o bombardeio informacional acaba por excluir o surgimento de novas tradições – a não ser quando isto é o conveniente para os Meios de Comunicação de Massa.

Caminhando no sentido contrário, está este trabalho. Rumo a uma prática que abra o leque de opções sobre a informação esportiva, aliada a um dos adventos mais importantes no século passado: a Internet. Criar um espaço democrático em que o espectador da mídia eletrônica possa, finalmente, escolher.

Para tanto, a realização dos Jogos Pan-americanos no Rio de Janeiro, em 2007, abre grande possibilidade para a aplicação deste estudo. Na busca por uma linguagem adequada à Internet, pretendemos dar espaço ao que não é propriamente esporte, mas faz parte da festa, faz parte da competição. O Pan não se tornaria exemplo se não conseguisse congrega os mais diferentes eventos, os mais diferentes povos, as mais diferentes visões.

Com este norte, queremos dar a nosso espectador a possibilidade de conhecer um outro lado do esporte, do torcedor fanático, das mudanças na vida de quem mora no Rio de Janeiro; conhecer também outras culturas. Queremos debater o esporte, mostrar possíveis vertentes para a discussão e evidenciar a área esportiva enquanto agente de integração e transformação social.

2.5 - OBJETIVO GERAL

- Realizar cobertura dos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro, em website, buscando a integração entre o esporte, a comunidade local e a mobilização em torno do evento.

2.6 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar a linguagem da Internet, revista eletrônica e o jornalismo esportivo;
- Elaborar, construir e manter um sítio eletrônico sobre a cobertura do Pan 2007;
- Cobrir os jogos em 2007 para aplicação dos estudos realizados;
- No sítio, garantir espaço para veiculação de notícias a respeito de torcida, movimentação, esportes, etc.

2.7 – METODOLOGIA

A partir de pesquisa bibliográfica, identificar e analisar conceitos de jornalismo esportivo, bem como adequar a cobertura dos Jogos Pan-americanos Rio 2007 ao *web site* a ser proposto, em seguida.

Com recursos do jornalismo de revista eletrônica, elaboraremos matérias para site relacionadas aos Jogos Pan-americanos Rio 2007, conforme a estrutura: Enfoque, Editorial, Perfil, Bastidores, Torcida. A produção deverá ser diária com atualização de todas as editorias sendo que:

- Dia – RSS¹ para atualização constante sobre informações do Pan-americano - (atualização automática das últimas notícias do Pan, direto do portal G1 da Rede Globo www.g1.com).

- 2 Perfis (personagens exóticos, atletas, treinadores e outras figuras que compõem o cenário dos jogos.);

- 1 Editorial (análise dos fatos do dia que ocorreram no Pan, perspectivas, comentários sobre eventos, organização, etc.);

- 1 Enfoque (reportagens sobre as mudanças do cotidiano do carioca durante o Pan e até da organização do evento.);

¹ **RSS** é um subconjunto de "dialectos" XML que servem para agregar conteúdo ou "*Web syndication*", podendo ser acedido mediante programas ou sites agregadores. É usado principalmente em sites de notícias e blogs. A tecnologia do RSS permite aos usuários da internet se inscreverem em sites que fornecem "feeds" (fontes) RSS. Estes são tipicamente sites que mudam ou atualizam o seu conteúdo regularmente. Para isso, são utilizados Feeds RSS que recebem estas atualizações, desta maneira o usuário pode permanecer informado de diversas atualizações em diversos sites sem precisar visitá-los um a um. Os feeds RSS oferecem conteúdo Web ou resumos de conteúdo juntamente com os links para as versões completas deste conteúdo e outros metadados. Esta informação é entregue como um arquivo XML chamado "RSS feed", "webfeed", "Atom" ou ainda canal RSS. (Fonte: Wikipédia)

- 1 Ombudsman a cada dois dias (pessoa externa ao projeto comenta cobertura, enfoque, qualidade dos textos, etc);

- Torcida (opinião de torcedores e população sobre os vários aspectos que compõe os jogos panamericanos);

A produção anterior ao lançamento do site engloba ainda Quem Somos (um breve currículo de cada integrante do projeto, incluindo o resumo da orientadora, prof. Silvana Coleta), O Projeto (apresentado na íntegra, com toda a fundamentação teórica, metodologia, etc.) e Fale Conosco (canal de Comunicação com todos; local onde o internauta se comunicará privativamente com cada integrante). Além disso, deverá ser atualizado ainda o link Bastidores (o que ocorre por trás das lentes, com fatos inusitados e curiosos que ocorreram conosco durante o dia), o qual, mesmo sem relação direta com o projeto, é parte constituinte do site.

2.8 - EMBASAMENTO TEÓRICO

2.8.1 - O papel da Imprensa na história

Recordar os primórdios da imprensa é fundamental para que fique mais claro a importância deste trabalho. Gutenberg, no século XV, criou a tipografia e introduziu, assim, um modo de produção da informação de maneira mais rápida. Mas a evolução da imprensa caminhou a passos largos desde então, principalmente depois da revolução industrial. Surgiram os profissionais da notícia, os jornalistas, e a relação da população com o mundo da comunicação se estreitou muito. Se antes o proletariado não tinha qualquer acesso à informação, hoje, a situação é bem diferente. No entanto, esta “escalada evolutiva” do jornalismo só acompanhou o desenvolvimento tecnológico e não o democrático.

Nelson Werneck Sodré lembra, em *História da Imprensa no Brasil*, por exemplo, que é impressionante a uniformidade nas posições de cada um dos jornais do Brasil que, mesmo sendo um país culturalmente heterogêneo, não cultivava a diversidade dos meios de produção da informação. Dentre outras posições, é importante a ressalva de Sodré a respeito das teses que indicavam que a emergência de novos meios de comunicação acabaria com seus antecessores. O autor lembra da não concretização destas previsões; todavia também estabelece um debate sobre a maneira como a

informação é tratada em território brasileiro, já que muitas das vezes são estabelecidos um grau de igualdade em enfoque e profundidade das notícias, que se diferenciam apenas por causa do meio em que são veiculadas.

A convergência está dentre os principais fenômenos que, atualmente, se instauram nas redes de informações, trazendo a notícia por meio de áudio, vídeo ou texto. Os espaços das audiências são cada vez mais divididos e, para tentar interromper este fluxo de consumo para novos meios que possam surgir, a adoção de características similares em diferentes produtos parece ter sido uma das saídas encontradas para garantir o número de espectadores ou usuários.

Se por um lado a internet conseguiu reunir inúmeras formas de transmissão de entretenimento e informação (desde jornais impressos, passando por programas radiofônicos, até exibição de filmes) em um único aparelho, falta-lhe ainda acessibilidade. Os computadores além de caros para boa parcela da população, têm conexão extremamente limitada, o que lhe tira um pouco de vantagem nesta que é chamada a era da velocidade da informação. Nesta guerra, a TV digital parece ter encontrado um caminho. Em um país como Brasil em que mais de 90% das residências são equipadas com televisores, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os mecanismos que dão à nova fase das TV's mais interatividade parecem caminhar em um rumo correto, deixando aqui de fora o debate sobre qual o modelo adotado para transmissão digital pelo Brasil ou outros países.

Mas aqui recordados, os primórdios da imprensa nos indicam que, na atual era de grandes oligopólios e da diversidade de meios de comunicação, a notícia ainda é um bem que pertence a poucos; serve a interesses diversos – quase nunca os sociais e impede a pluralidade de conceitos, idéias, visões.

Por ser tão recente a TV Digital, a Internet é ainda o modelo que surge em um momento extremamente propício, que abrangeria muitos dos conceitos discutidos por Sodré. No livro *Jornalismo na Internet*, de J. B. Pinho, são apontadas as condições que tanto favoreceram a Internet enquanto instrumento comunicacional. Em 1990, quando passou a funcionar no Brasil, a rede mundial de computadores lançava o princípio da distribuição plena e ilimitada por meio dos PC's, *personal computers*. Assim, nasceu a *World Wide Web*, fundamentalmente enquanto um modo de organização da informação e dos arquivos na rede.

Segundo Pinho, “a velocidade de disseminação da Internet em todo o mundo deve transformá-la efetivamente na decantada super estrada da informação”. Entretanto,

para o uso adequado da rede como instrumento de informação, devem ser melhor conhecidos aspectos próprios da “net”, como não-linearidade, fisiologia, instantaneidade, dirigibilidade, personalidade, acessibilidade e receptor ativo.

2.8.2 - Internet : possibilidades amplas de inovar e criar

A Internet surgiu em 1969 a princípio para uso do Exército Americano e mais tarde passou a interligar as Universidades Americanas. Em 1988 foi disponibilizada a pesquisadores brasileiros tendo como pioneiros em seu desenvolvimento e uso a Fundação de Ampara à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o Laboratório Nacional de Computação Científica.

A definição mais comum de Internet é como a rede mundial de computadores, na verdade uma rede de redes. Mas é possível descrevê-la melhor, inclusive por meio de metalinguagem, usando ferramentas da internet para explicar a própria internet. Sendo assim, a enciclopédia virtual Wikipédia descreve:

A Internet é um conglomerado de redes em escala mundial de milhões de computadores interligados pelo Protocolo de Internet que permite o acesso a informações e todo tipo de transferência de dados. A Internet é a principal das novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs). Ao contrário do que normalmente se pensa, Internet não é sinônimo de World Wide Web. Esta é parte daquela, sendo a World Wide Web, que utiliza hipermídia na formação básica, um dos muitos serviços oferecidos na Internet. De acordo com dados de março de 2007, a Internet é usada por 16,9% da população mundial (em torno de 1,1 bilhão de pessoas).

Por meio da Internet é possível trocar informações com qualquer computador do mundo também conectado à rede, independente do tipo de computador, Sistema Operacional e forma de conexão, num sistema multiplataforma. Para que seja possível esse tipo de comunicação, são estabelecidas linguagem própria, padrões exclusivos de veiculação de informação e as características de agilidade, personalidade, acessibilidade e interatividade.

Ainda tratando da questão da metalinguagem, em um especial sobre os 10 anos da Internet, o Portal Terra (www.terra.com.br) define a comunicação via *Web* como sendo rápida e barata, carro-chefe para a popularização da Internet no país. A reportagem chama atenção também para a instantaneidade característica desse meio que logo ganharia outros fins: “os veículos de comunicação se apropriariam dela para inaugurar no País uma nova forma de cobertura jornalística, que primava pelo

imediatismo e pela agilidade. O jornalismo *on-line* logo ganharia os novos internautas, ao oferecer a eles a oportunidade de interagir das formas mais diversas com o conteúdo produzido”.

Outro aspecto abordado pelo Portal Terra é a interatividade, talvez uma das mais relevantes e exclusivas características da Internet. Com ela, a pessoalidade, acessibilidade ficam mais fáceis e evidentes. Isso seria de vez constatado com o surgimento de ferramentas para compartilhamento de arquivos, publicação de conteúdo, fotos, além de sites e programas de relacionamento.

Assim, o jornalismo esportivo ficou marcado para sempre com a necessidade de velocidade da informação. Ponto negativo ou talvez positivo, dependendo da perspectiva aplicada. O fato é que a rivalidade entre os sites era disputada por meio da informação que era publicada mais rapidamente. Paulo Vinícius Coelho aborda o tema em seu livro.

Mas o maior dano pode ter sido gerado para os meninos que entraram no mercado e que saíram da aventura com a sensação de que vale mais uma notícia publicada rapidamente do que uma informação checada criteriosamente antes de ser publicada. (...) Não há efeito mais difícil de remover do que o da falta de referência. O da falta de critério, da falta de cuidado com a informação. Isso ainda persiste em grande parte das empresas ligadas à internet. Vale a velocidade, mais do que o critério jornalístico. Vale, portanto, todo cuidado do mundo ao jovem jornalista convidado a fazer parte de uma dessas aventuras. (COELHO; 2003, 63)

Entrando da discussão sobre os benefícios e aspectos polêmicos da Internet, Matteo Pasquinelli, no livro *Mediactivismo – Estrategias e Prácticas de la Comunicación Independiente*, afirma que a chegada da web marca a nova mutação das tecnologias da comunicação. Segundo ele, é necessário abrir perspectivas, não ignorando os processos que a Internet permite. Pasquinelli debate sobre a questão de usar as possibilidades da *web* para criar novos modelos de meios de comunicação ou consolidar práticas diferenciadas de informar que leve em consideração tanto a tecnologia quanto a preocupação com o acesso amplo e a forma inovadora, ética, inteligente e crítica de se levar às notícias para a sociedade.

2.8.3 - Texto em revista: características “libertadoras”

Na revista, o jornalista tem mais liberdade para apresentar não só textos de maior profundidade, como também de mais subjetividade e criatividade. Sérgio Villas-

Boas no livro *Estilo Magazine* (1996), define características e trata o texto da revista como mais sofisticado, analítico e criativo de recursos que podem se tornar incompatíveis com os padrões dos jornais diários. Na revista, não há necessidade de “padronização cotidiana”.

Sérgio Villas-Boas enumera características de reportagens voltadas para revistas. A tonalidade, ou a “linguagem mais apropriada para a matéria que vai escrever. (...) Na revista, o tom é uma escolha prévia de linguagem (humor, tragédia, drama, tensão, etc)”. Aliado a isto, análise e interpretação, exigem sempre que o jornalista esteja bem informado. É preciso compreender e saber mais que fatos e informações básicas. Villas-Boas menciona tais pontos como “bom tempero”, que “exigirá recursos estilísticos de toda natureza”.

O autor afirma que na revista aspectos pequenos como palavras devem ser abordados com tanta importância como questões mais subjetivas como pontos de vista.

O ritmo e a sonoridade das palavras também são muito importantes. (...) Enumerar, descrever detalhes, comparar, fazer analogias, criar contrastes, exemplificar, lembrar, ilustrar, dar testemunhalidade são apenas algumas trilhas da “rota para as Índias”. (VILLAS-BOAS; 1996; 18 e 19).

A utilização de novos verbos pode trazer uma diferença pertinente na narrativa. Os personagens são seres humanos e, por isso mesmo, podem ser descritos por “reclamar”, “vociferar”, “chorar”, “esbravejar”, e sair assim da conhecida forma “diz” e “afirma” das notícias. A ordem adotada no texto não precisa seguir diretrizes e técnicas como *lead*, ser operacional ou, como afirma Adelmo Genro Filho no *Segredo da Pirâmide*, uma “notícia grande”. Vilas Boas afirma que “é jornalismo do que passou (...), mistura fatos do passado ainda em evidência no jornalismo diário”. O *trecho econômico* torna o texto mais agradável por aguçar a curiosidade e fazer o leitor ficar instigado, indagar e até, se bem construído, sentir.

O estilo é crucial para texto de revista. Dada à necessidade de ponto de vista, tom, análise e interpretação, o estilo é a definição daquilo que se escolhe destacar dentre inúmeros aspectos e informações. “O estilo está vinculado ao tempo, espaço, à interpretação que o autor dá as suas experiências, leituras e a toda sua relação com o que cerca”, define Villas-Boas.

Por esta “visão de mundo” entenda-se *leitura, conhecimento objetivo, senso de observação, capacidade de interpretar, de associar idéias e muita estrada*. Muita bagagem. Sem esses componentes, restará a técnica. Sem dúvida um

elemento valioso. Porém, depois de um certo ponto o alicerce, a base sólida, começam a fazer falta. A técnica é apenas uma ferramenta de trabalho. Saiba distinguir técnica de *background*. E admita que são coisas igualmente importantes (VILLAS-BOAS; 1996; 31).

Dados esses aspectos, ao narrar personagens pode-se adotar um texto mais livre, sem a obrigatoriedade de *leads*, com pontos de vista pessoais, indispensáveis em uma narrativa que busca prender a atenção do leitor. A “padronização cotidiana” cede espaço para algo mais libertador, e que possa tornar o simples e casual em uma matéria jornalística.

2.8.4 - Revista eletrônica

Apesar da linguagem de revista ser a mais semelhante à que será utilizada na cobertura dos Jogos Pan-Americanos 2007, esta ainda não é necessariamente a mais adequada. Isto se deve ao fato da grande maioria dos leitores não conseguirem ter a mesma atenção dada aos textos impressos, mais longos, às revistas eletrônicas. Jacob Nielsen demonstra em *Projetando websites: designing web usability* (2001):

A pesquisa tem mostrado que ler da tela do computador é cerca de 25% mais lento do que ler do papel. Mesmo os usuários que desconhecem essas pesquisas sobre fatores humanos geralmente dizem que sentem desconforto ao lerem texto *on-line*. Como resultado, as pessoas não querem ler muito texto das telas do computador. (NIELSEN; 2001; p.101).

Comprovado isto, segundo Villas-Boas, os textos devem usar ainda mais de “trechos econômicos” para trazer a mesma informação que publicações impressas, mais longas. Isso reduziria o que Meadows trata como “dificuldade por parte dos usuários de internalizar informações a partir da tela do computador”, citado no artigo de Guilherme Ataíde Dias sobre periódicos eletrônicos (2002).

Apesar das dificuldades iniciais, o texto da revista eletrônica tem pontos positivos que devem ser considerados. Luiz Antônio Marcuschi apresenta no texto *Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto* (1999), que, dentre as características do hipertexto está a interatividade. Um outro aspecto é crucial: o custo da publicação eletrônica.

As revistas impressas apresentam custos elevados. É necessário produzir, normalizar, editar, compor, e ainda reproduzir, imprimir, fazer paginação, encadernar e distribuir. Na publicação eletrônica, os últimos custos não existem e a veiculação torna-

se mais acessível. Este aspecto é crucial na escolha da mídia. Os custos reduzidos auxiliam na execução de um trabalho que inicialmente não possui interesses econômicos.

2.8.5 - A teoria do agendamento e a imprensa esportiva

No contexto dos estudos sobre os efeitos dos meios de comunicação na sociedade, surge nos anos 70 a investigação da hipótese do *Agenda Setting*, ou a Teoria do Agendamento. Esta teoria propõe uma investigação sobre os efeitos da comunicação de massa. Desta maneira, nasce o conceito de poder que o jornalismo exerce sobre a opinião pública. Assim, a teoria do *Agenda Setting* é aquela segundo a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá.

A essência do conceito não está muito longe da realidade. É constante a enxurrada de informações que são selecionadas e dispostas de maneira que algumas notícias recebem uma ênfase maior. Isso fica evidente no caso das notícias que aparecem na capa dos jornais, revistas, telejornais.

A função de agendamento é um processo de três níveis. No primeiro, está a *Media Agenda* (Agenda Midiática), que trata das questões discutidas na mídia. No segundo, a *Public Agenda* (Agenda Pública ou da Sociedade Civil) que abrange os conflitos que se tornam pessoalmente relevantes para o público. E por fim, a *Policy Agenda* (Agenda de Políticas Públicas), que envolve os temas que os gestores públicos consideram importantes.

Nesse sentido, se faz relevante observar outros três conceitos importantes no que diz respeito à teoria. O Enquadramento discute sobre a apresentação de conteúdo de forma a orientar sua interpretação em certas linhas predeterminadas. Já no *Priming*, permanece a idéia de que a mídia atrai atenção para alguns aspectos da vida política em detrimento de outros. Por último, e talvez o mais importante conceito para este trabalho, está o *Gatekeeping*, que nada mais faz que o controle sobre a seleção do conteúdo exercido pela mídia.

Surgem então perguntas como: será este o motivo pelo qual os eventos esportivos são sempre tratados da mesma forma, destacando jogos e placares e se esquecendo dos sujeitos? Os interesses político e econômico, dos quais fala Sodré, estão

presentes em cada tema que o jornalismo cobre – ou que a empresa jornalística manda cobrir. Também no esporte se estabelece esta mesma relação de promiscuidade entre os donos de jornais, tv's e revista e os donos do capital, cartolas do mundo esportivo em geral.

2.8.6 - O jornalismo esportivo no país do futebol

O futebol no Brasil é paixão nacional e até mesmo referência cultural. Não se pode negar que muitas das características brasileiras carregam consigo um legado do futebol, incluindo o jornalismo esportivo, que nasceu de relatos sobre esse esporte e, posteriormente, da necessidade de se manter informado sobre os campeonatos.

Quando o futebol foi trazido para o Brasil não existia o que se pode chamar hoje de jornalismo esportivo. Mas se não fossem os relatos apaixonados daquela época, hoje não seria possível recordar sobre os primeiros times e os primeiros jogadores. Não seria possível, por exemplo, montar um retrospecto ou total de gols de uma determinada equipe. Tudo foi registrado, porém com dificuldades, porque nas redações, assim como ocorre hoje, o espaço para esporte não era prioridade.

Em 1925, o futebol já era o esporte nacional. No entanto, dedicavam o espaço que era possível, mas não chegava perto do que hoje já se conquistou no meio jornalístico. Havia pequenas colunas que traziam os resultados dos jogos ou novidade sobre jogadores e times. Alguns comentários também apareciam nessas colunas. O maior problema era o espaço no jornal, mais do que falta de interesse. Até então, apenas o futebol gerava notícia, mas com a consolidação de um jornalismo esportivo, os outros esportes foram ganhando timidamente espaço nos veículos de comunicação.

Em um sentido inverso ao que normalmente acontece no jornalismo, primeiramente surgiram os jornais especializados em esportes para depois os cadernos de esportes serem adotados pelas grandes mídias. O primeiro diário exclusivamente dedicado ao esporte no país surgiu apenas na década de 30, no Rio de Janeiro: o Jornal dos Sports. E foi este o primeiro também a sofrer os desafios do jornalismo esportivo.

A partir daí, revistas e jornais de esportes surgiram e desapareceram com o passar dos anos. Mas só na década de 1960, os cadernos especializados no assunto foram inseridos nos jornais. Na segunda metade dos anos 60, o Brasil ganhou imprensa esportiva de larga extensão, com cadernos esportivos mais presentes e de maior volume.

Com a paixão pelo futebol, a imprensa brasileira havia aprendido a imprimir um romance cheio de emoção ao jornalismo esportivo. Com a profissionalização desta área, aos poucos se perdeu o estilo narrativo emocionado e, por vezes, exagerado. A partir dos anos 70, a imprecisão diminuiu com o compromisso da imprensa de preferir a verdade, deixando de lado as lendas e relatos apaixonados.

Para Paulo Vinicius Coelho, em seu livro *Jornalismo Esportivo* (2003), “o problema, evidentemente, é que o que é verdade, o que é opinião e o que é lenda se misturam e nem todo mundo é capaz de diferenciar o que é jornalismo do que não é”. Ele afirma isso ao se referir ao estilo emotivo dado ao esporte no passado. O autor levanta ainda a questão que “a maneira como os principais jornalistas esportivos de cada tempo se referem aos jogadores de cada época produz distorções difíceis de corrigir”.

No entanto, Paulo Vinicius Coelho alerta que a notícia fria e crua não combina com o jornalismo esportivo. “Às vezes há realidade demais em histórias tão irreais”, afirma Coelho. E é isso que dá o tom diferente ao texto esportivo. É isso que motiva um torcedor apaixonado, de qualquer esporte, a abrir o caderno de esporte mesmo já sabendo todos os resultados e placares.

A falta de emoção e uma narrativa mais sensível também podem se constituir em um problema porque “o resultado é, muitas vezes, uma crônica tão desprovida de paixão que é capaz de jogar na vala comum atletas que certamente já merecem lugar na história”. O escritor e jornalista cita o exemplo do tetra campeonato do Brasil em que faltou a dramaticidade das coberturas esportivas de 1958, 1962 e 1970. Isso mostra que o ponto-chave na cobertura exige mais que noções de realidade.

O jornalista esportivo de muitos anos, Juca Kfoury, afirma que uma boa redação não se faz apenas com jornalistas com amplo conhecimento do assunto, precisa do toque especial. Sendo assim, o que se espera de um bom jornalista esportivo é, como ele mesmo diz, “a mistura dos dois estilos, do mito ao real, do épico à informação direta, da emoção ao jornalismo cru”.

2.8.7 - Técnicas de Jornalismo esportivo e o esporte como construtor de identidades

Existe uma discussão sobre as estratégias discursivas usadas nas coberturas esportivas. Assim como Paulo Vinicius Coelho, Heródoto e Lima atentam para linha

tênue existente nesta editoria entre o piegas e o racional. Ambos criticam a continuação de um estilo que já dura mais de 50 anos e se tornou arcaico. Os escritores, a partir destes problemas, enumeram alguns pontos importantes para manterem boas coberturas esportivas.

Em primeiro lugar, é necessário que o jornalista seja especializado no esporte e entenda os regulamentos dos campeonatos, para não correr o risco de passar uma informação errada por falta de conhecimento técnico. Outro ponto é manter riqueza de detalhes, pois estes enriquecem o texto. Mas por outro lado, fazer cobertura de um evento esportivo não é apenas só isso. Como disse Juca Kfourri, “temos que estar preparados para qualquer matéria que possa surgir. O jornalista esportivo antes de tudo é um jornalista. Não deve conhecer apenas o universo do esporte”.

O repórter esportivo também deve estar atento às perguntas chamadas de “lugar comum”, pois essas irritam as pessoas que acompanham a mídia, e também ao entrevistado-atleta. O uso de termos técnicos não é proibido, desde que seja amplamente explicado e que tenha ficado claro para as pessoas leigas. As últimas dicas de Barbeiro e Lima é a descrição do repórter com o atleta, que não é obrigado a informar coisas da vida pessoal, como salários, cachê, iniciativa de entrar/sair do time, problemas com patrocinadores.

Além destes pontos, é necessário avaliar alguns aspectos desse novo modelo proposto neste trabalho e que são importantes na produção de um bom texto jornalístico e esportivo. Coelho afirma o que falta nos diários esportivos é a consciência de que jornalismo esportivo também possui a necessidade de esforço, independência, imparcialidade e criatividade. Que não basta apenas freqüentar arquibancadas.

Para Diego do Carmo, jornalista do SporTV, “a atração pelo jornalismo esportivo se dá por várias razões. O fato de a linguagem ser mais leve e estar no cotidiano das pessoas contribui muito para isso. Além disso, é uma área do jornalismo que mexe com uma paixão, que, se não é unânime, é quase isso. Todo mundo lida com o esporte de uma forma natural, é um lazer comum que está na vida de todos”.

Portanto, para se fazer um bom jornalismo esportivo é importante lembrar que o esporte tem papel fundamental na construção de identidades e subjetividades. Vale ressaltar ainda que a cobertura de um evento de grande porte como os Jogos Pan-Americanos 2007 mobiliza estratégias discursivas, repleta de sentidos e atividades simbólicas.

A antropóloga Simoni Lahud, da Universidade Federal Fluminense, em sua tese de mestrado *O futebol brasileiro: instituição zero (1977)*, explica que a presença cotidiana do futebol em rodas de conversa e o espaço dedicado ao tema na mídia evidenciam como esse esporte é um aspecto imprescindível para entender a sociedade brasileira. Segundo ela, o futebol atua na construção de uma identidade nacional que se opõe à diversidade individual e à rivalidade entre times.

Estudos mais recentes trazem o esporte, de forma geral, também como formador de identidades e subjetividades, pois trata o ser humano tanto como indivíduo, como coletivo. A mobilização motivada pelo esporte estabelece relações sociais democratizantes na medida em que reúne pessoas de origens diversas em torno de um assunto sobre o qual todos opinam de forma legítima. Sobretudo em época de Copa do Mundo, Olimpíadas e jogos como o Pan-Americano, quando (quase) todo o país forma uma mesma torcida.

2.8.8 - Em busca de uma pauta criativa

O jornalismo em esporte é bem mais do que uma simples manchete. É possível usar o esporte para fazer uma excelente matéria de economia, tratando, por exemplo, da questão dos patrocínios ou até mesmo sobre a crise em algum time de futebol. Pode-se tratar o esporte sobre um viés também político, que abrange desde CPI do Futebol à falta de investimento do governo em outros esportes. No caso de grandes eventos como o Pan-Americano, as possibilidades de explorar outras editorias é ainda maior, pois diversos aspectos englobam, permeiam e fazem os Jogos acontecerem.

Paulo Vinicius Coelho explica que é mais difícil entender que o desafio não é encontrar uma única pauta criativa e sim fazer um exercício de constante criação. Segundo ele, “a única maneira de mostrar que o esporte é viável é mostrar que o jornalismo esportivo não é feito apenas por esporte”.

Nesse ponto, volta-se à história inicial do jornalismo esportivo no país do futebol. A paixão pelo esporte, o lado humano e emocional do futebol, a criação de personagens e ídolos, as torcidas enlouquecidas, a busca por uma identidade, são aspectos que desencadearam uma linguagem criativa e que ao longo dos tempos se perdeu ora na mesmice, ora no exagero. A intenção é resgatar esse legado do futebol e a característica notadamente humana do brasileiro.

No caso de um evento como o Pan-Americano, deve-se lembrar dos sujeitos, dos personagens, das pessoas que fazem um evento esportivo de grande porte acontecer. São torcedores apaixonados, turistas curiosos, atletas comprometidos, comerciantes, autoridades envolvidas. Nos bastidores, há ainda voluntários, médicos, cozinheiros, faxineiros, mestres de obra, engenheiros, motoristas e outros tantos que sem eles os jogos não aconteceriam em sua magnitude.

É necessário um olhar apurado e humanizado de um bom repórter para fazer sujeitos virarem matérias especiais, fatos que passariam despercebidos darem um bom artigo de opinião, e questões complexas se tornarem reportagens de cunho esportivo. Paulo Coelho tenta resumir essa idéia em seu livro:

O ideal é sempre casar criatividade e conhecimento. Colocar lado a lado jornalistas famosos pelo ato nível de informação específica e outros com rigor jornalístico, técnico, e conhecimento de diversas áreas da profissão. Gente que vê algo e sabe exatamente seu significado. Ou que nunca viu coisa alguma de algum time e, por isso mesmo, é capaz de extrair notícia onde ela aparentemente não existe. Casar as duas coisas não é fácil. Mas é a maneira ideal de conseguir o melhor desempenho possível de quem trabalha com esporte. (COELHO; 2003, 54)

2.8. 9 – Uma cobertura diferenciada

Internet é o meio de comunicação atual considerado mais adequado para sanar as necessidades de um jornalismo mais eficiente e autônomo. Além do baixo custo, este é o único meio que pode agrupar ao mesmo tempo todos os outros veículos, que são a tv, rádio e o jornal impresso. Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima afirmam em *Manual de Radiojornalismo*, que “(...) Com o advento da Internet, os aparelhos de rádio e televisão, como conhecemos hoje, vão desaparecer e passarão para o computador”. O computador agiria como um conversor de todas as mídias existentes. A afirmação de ambos parece um pouco pretensiosa, pois, apesar do advento de novas mídias, outras não foram suprimidas. O que ocorreu até hoje foi um acréscimo, e não a sobreposição de um veículo de comunicação perante outro.

A característica mais importante da Internet talvez seja interatividade que pode ser exercida entre o comunicador e o receptor. Com isso, é mais fácil buscar aquilo que o receptor quer saber, pois o receptor, ainda segundo Barbeiro e Lima, “vai sair em busca do diferencial e este residirá na qualidade do que se lança na rede e na identificação com quem fala”. Os autores tratam da nova forma de comunicação via web, que é um amálgama entre mensagem, emissor, meio e receptor, interagindo com os demais e todos interagindo em um.

De acordo com Viviane Borelli², a mídia institui um contrato de leitura com o espectador a partir do momento que veicula qualquer acontecimento. Assim, grande parte dos meios de comunicação passa a organizar sua agenda de acordo com o interesse do público (baseado na aceitação, atualidade, empatia, interesse de público, índices de audiência, etc).

Os eventos esportivos, como movimentos sociais, não se limitam apenas a representar uma competição, pois refletem também características culturais, econômicas, sociais, políticas, étnicas, religiosas, etc. Assim, tomam-se os acontecimentos esportivos como fatos complexos, que trazem um conjunto de dimensões das relações interculturais, onde os atores sociais não são apenas os competidores, mas a platéia, os dirigentes, os mídias, os patrocinadores, os diretores esportivos, etc.

Por estes aspectos, o fato de noticiar outros assuntos que não são limitados ao quadro de jogos não significa desvencilhar-se do jornalismo esportivo. É exatamente neste ponto que consiste a cobertura diferenciada. Mais do que exibir resultados, apresentar outros pontos dos jogos e competidores. Ao invés de uma notícia, textos opinativos que apresentem argumentos e elevem os temas a discussões, cause dúvidas e aguace o leitor.

Neste aspecto, nada mais adequado que o texto de revista, mais solto, sem regras rígidas contidas em outros textos jornalísticos. A revista também fornece a possibilidade de pautas mais abrangentes num evento esportivo, e a “paixão” citada por Paulo Vinícius Coelho torna-se apropriada para narrar até mesmo estes assuntos paralelos. No entanto, o cuidado precisa ser redobrado para que os temas executados não se distanciem demais do objetivo principal, neste caso, os Jogos Pan-Americanos Rio 2007.

Levantados todos os aspectos, resta a mídia necessária. A Internet tem a dinâmica necessária para aproximar quem faz o esporte acontecer, os atletas e os próprios internautas, pois pode apresentar os conteúdos esportivos a qualquer hora, sem uma necessidade de horários pré-determinados (como em rádio e televisão), e pode aprofundar os conteúdos, com informações das repercussões dos jogos, comentários, colunas, análises, como o veículo impresso. Há uma liberdade de criação maior que

² http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/19083/1/2002_NP18BORELLI.pdf

outras mídias. Dessa maneira, a Internet une práticas adquiridas em todas as mídias, mas de maneira mais autônoma que os outros.

3 - RELATÓRIO MONOGRÁFICO

3.1 – PRÉ – PAN – OS PREPARATIVOS ANTES DOS JOGOS:

“Ainda consigo me lembrar das primeiras conversas sobre o nosso projeto de conclusão de curso. Quando eu, Adriano e Gabriela começamos a estruturar algumas idéias sobre a vinda para os jogos, muitas pessoas nos chamaram de malucos e disseram que era tudo ousado demais. Vi muitos olhares firmes de que não conseguiríamos. Pois bem, estamos aqui.”³

O texto de Cibelle Fernandes, na sessão Bastidores, resumia o sentimento de conquista do grupo, depois de tantas adversidades ultrapassadas para, então chegar a mais uma edição dos Jogos Panamericanos.

A idéia de cobrir o Pan surgiu ainda em 2006. À época, os alunos Adriano Leite e Gabriela Canseco tentavam viabilizar o plano de cobertura da Copa do Mundo da Alemanha. As respostas negativas, ao mesmo tempo em que traziam o sentimento de frustração, também deram força para articular um trabalho parecido no Pan Rio-2007. Por se identificar com o esporte especializado, a entrada de Cibelle Fernandes no grupo ocorreu em seguida. E muito mudou de lá até a configuração final do projeto.

Com a proposta inicial de efetuar a cobertura por rádio, a parte teórica foi estruturada, sobretudo, focando na cobertura dos esportes com “menor visibilidade” do Pan. O número reduzido de pessoas no grupo, no entanto, inviabilizava o trabalho e, por isso, ficou decidido que outro caminho seria procurado. Já com a orientação da professora Silvana Coleta, mudamos até o veículo de comunicação pelo qual seria feita a cobertura. O acerto por um *Hot Site* foi feito porque, além de trazer mais visibilidade ao trabalho, também implicava na facilidade metodológica de arquivar o conteúdo produzido.

Esforço para construir uma nova metodologia e embasamento teórico. Esforço para encontrar alguém que pudesse construir o sítio proposto. Esforço para tentar o credenciamento junto à entidade organizadora dos jogos, o CO-Rio. Nesta primeira etapa do trabalho, era essa a palavra de ordem do grupo.

³ Texto [Bastidores](#), por Cibelle Fernandes.

Com a frustração dos primeiros contatos para o credenciamento, foi buscada a via oficial. Por meio da Assessoria de Relações Públicas da Universidade Federal de Goiás (Ascom-UFG), o atual reitor, professor Edward Madureira Brasil, encaminhou o pedido de credenciamento. E mais uma vez foi negada a concessão de cobertura.

Sem acesso livre aos jogos, transporte e outras facilidades concedidas à imprensa, o projeto entrou em crise mais uma vez. O trabalho dependia do acesso a jogadores e resultados, pois a proposta que se desenvolvia focava nessas facilidades. Além das dificuldades e das negativas recorrentes do CO-Rio, o projeto parecia estar fadado ao arquivamento. Mas a persistência também era adjetivo constante de todo o grupo – desistir, nem pensar!

Nesse momento, o jornalismo literário surgiu como um caminho possível. Descobrir como associar este conceito ao jornalismo realizado na rede mundial de computadores era nosso novo desafio. Nessa nova etapa, contudo, foi encontrado um tipo de jornalismo novo, ao mesmo tempo ágil, informativo e com recursos evidentes dos grandes romances, crônicas e outros gêneros literários. Era o jornalismo esportivo que se abria em outra perspectiva.

O esporte também dependia da emoção, de valores subjetivos e de histórias de vida. Cobrir o mundo esportivo com o jornalismo cru, sem adjetivos e direto é tirar alma de algo que é intrinsecamente ligado à paixão. Ficou denominada no *site* como Perfil a sessão que reuniu histórias dos mais diversos personagens que encontramos pelo caminho. Pessoas muitas das vezes comuns, de diferentes origens, com diferentes propósitos, reunidas por uma mesma paixão: os Jogos Pan-Americanos.

De outros problemas e publicidade

Por meio da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários (Procom), a universidade disponibilizou duas passagens de ida e volta de Goiânia ao Rio de Janeiro. Por motivos de segurança – visto que o material de trabalho consistia em *laptops*, câmeras fotográficas e gravadores – os trechos terrestres, depois de pagamento da diferença monetária, foram trocados por tíquetes aéreos: três no total, ida e volta.

A logística do trabalho também dependeu do aluguel de um apartamento no Rio de Janeiro durante o período dos jogos. Com a falta do transporte exclusivo para imprensa, a solução economicamente viável era o transporte público. Ficar em local de fácil acesso e locomoção para as outras partes da cidade era fundamental. E mais um problema. Numa tentativa de especulação, corretores e locatários alugavam imóveis em

datas próximas do evento, buscando aproveitar a alta dos preços causada pelo evento internacional. Alugar um apartamento quarto-e-sala no Leblon só foi possível cerca de um mês antes da realização dos Jogos.

Poucos dias antes da viagem, o clima de mobilização era evidente em todo o país. Mesmo em regiões geograficamente distantes do Rio, a sensação era de uma proximidade física imensa, tamanha a vontade dos brasileiros de que tudo começasse depressa. Além do esporte, a sociedade brasileira queria ver como o Rio de Janeiro se comportaria em um grande evento internacional. A violência era a principal preocupação.

Todo este processo, além da curiosidade em se ver três estudantes e seus poucos recursos enfrentando uma estrutura de mídia de nível planetário rendeu ao projeto três matérias em veículos da mídia eletrônica de Goiás.

Na TV Record Goiás, duas matérias foram exibidas. A primeira, abordava a questão da violência no Rio de Janeiro e foi veiculada no telejornal “Record Goiás”, às 19:00 horas. Dias antes, uma invasão da polícia a favelas resultou em vários mortos e feridos, o que gerou comoção nacional. O foco era saber se o clima de terror no Rio não afetaria os planos do grupo em realizar a cobertura.

A segunda matéria exibida no mesmo canal, no programa “Tudo a Ver” às 13:00 horas, tratou especificamente do projeto que seria realizado. Todas as nuances do trabalho foram explicadas e a matéria foi exibida no dia 13 de julho, data em que começou o Pan e, concomitantemente, nosso trabalho. Por fim, foi concedida entrevista para a rádio CBN Anhanguera, AM 1230, com o mesmo enfoque. Nossa palavra de ordem agora era trabalho.

3.2 - DIA-A-DIA DA REDAÇÃO CLICKPAN

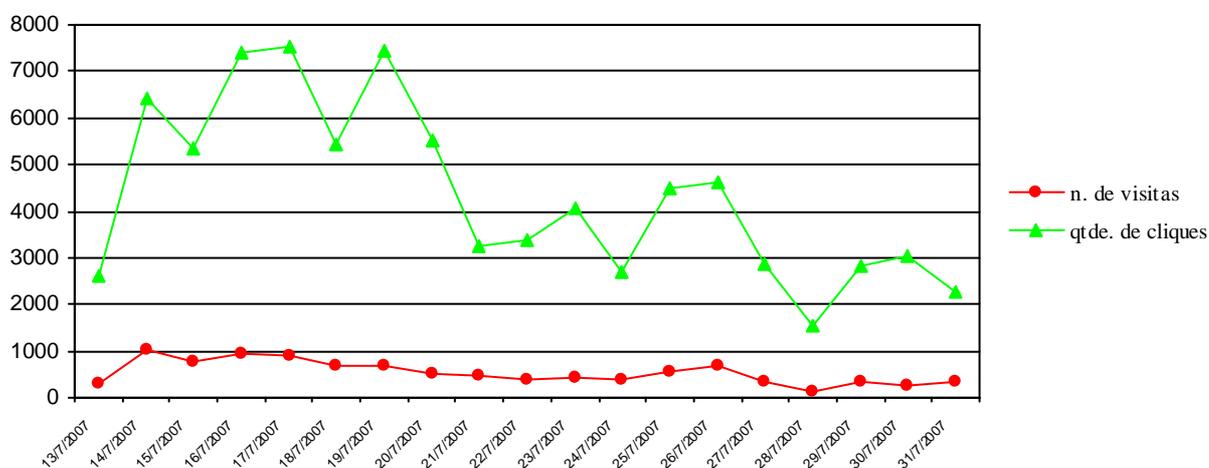
Para o abastecimento diário do site criado, ClickPan (www.clickpan2007.com), foi estabelecida uma rotina de trabalho. Apesar do planejamento feito anteriormente, alguns detalhes só puderam ser definidos com início dos jogos, como a definição de pautas. Os imprevistos também fizeram parte da rotina, porém foram contornados e não comprometeram a qualidade do material produzido.

A estrutura, que auxiliava na produção das matérias e abastecimento do *site*, era composta por três *notebooks*, duas máquinas fotográficas digitais e acessórios de

informática, incluindo um roteador (distribuidor de conexão banda larga) sem fio. Tudo muito bem organizado e pronto para funcionar. Correto? Não! A internet disponibilizada não era dividida através do roteador por problemas técnicos. Isso sem contar que, além dos três computadores, um quarto também precisava ter acesso à internet, já que era utilizado pela jornalista Pollyana Pádua, que abastecia, assim como nós, seu site (www.e-esportes.com) diariamente.

Pensar que toda a produção se comprometeria já causava arrepios, principalmente na desesperada Gabriela Canseco. A solução encontrada seria cômica não fosse trágica. Contornamos a situação usando o fraco sinal de internet sem fio dos inúmeros vizinhos conectados próximos a nosso apartamento. Uma verdadeira luta que perdurou durante praticamente todos os dias de trabalho. Três (!) dias para o fim do trabalho, diagnosticamos o problema (infinitamente mais simples que imaginamos). E assim, a produção foi terminada com a internet da maneira que deveria ter começado.

Apesar da dificuldade nos primeiros dias, foi possível atualizar diariamente o *site*. Os textos eram escritos e editados, assim como as fotos, na mesma data das entrevistas e coleta de dados e informações e, com isso, as matérias sempre eram postadas à noite. A partir dessa rotina, observamos que a maioria dos internautas acessava o sítio eletrônico pela manhã para acompanhar as atualizações. Além da contagem de acessos, que crescia muito mais em uma comparação noite/manhã do que em uma relação inversa, também percebemos essa ocorrência a partir dos e-mails enviados pela página de contato. Amigos e familiares também davam um retorno sobre a qualidade do *site* por meio de nossos e-mails pessoais, geralmente no período matutino. Assim, o acesso do sítio ficou da seguinte maneira:



<<<<< Total de visitas: 10.124
Média diária: 533 pessoas

A quantidade de cliques corresponde aos itens buscados por cada usuário dentro do sítio eletrônico. Nossa análise, todavia, recaí sobre a quantidade de acessos diários. De acordo com o provedor de hospedagem do *site*, o acesso médio das páginas que não são consideradas portais e suas ramificações (como UOL, Terra, Ig, G1, etc.) praticamente não têm picos tão altos como os nossos. A queda da quantidade de acessos é evidente do início ao final de nosso trabalho. A isso atribuímos o fato de o aspecto “novidade” ter passado e não à queda de produção ou qualidade da mesma.

Planejamento e decisão de pautas também eram tarefas que ocorriam depois de fechada cada “edição” do sítio. Assim, logo cedo, toda a equipe já se dirigia para começar a produção nos lugares onde ocorreria cada competição. Como vários jogos ocorreram ao mesmo tempo, e os locais de provas, ou equipamentos esportivos – como são chamados, eram muito distantes, sempre tínhamos que optar qual modalidade seria acompanhada no dia. Os equipamentos passavam a ser revezados para que o maior leque possível de pautas pudesse surgir. O *feeling* jornalístico também era fundamental, pois a partir dele é que também eram escolhidos os eventos em que poderiam surgir boas matérias.

O material de consulta para decisão de pautas consistia em revistas, panfletos, tabela de competições, guias e o site oficial dos jogos. A observação era de suma importância pois, nos deslocamentos feitos na cidade, eram anotados fatos, curiosidades e instalações dos quais boas pautas poderiam surgir nos próximos dias. Por fim, a colaboração da jornalista Pollyana Pádua e do voluntário de fisioterapia do Pan, Eduardo Afonso, foi outro caminho para que o grupo estivesse atualizado. Ambos eram companheiros de apartamento e, às vezes, até de conversas informais, idéias de cobertura surgiam. A brincadeira é que a grande redação de três jornalistas funcionava 24 horas por dia, pois até de pedido de informação ou compra de bilhete de ônibus vislumbrava-se a possibilidade de pautas.

Apesar de toda preocupação de termos em mãos a quantidade máxima de informações para a definição de pautas, fatos que aconteciam durante o trabalho, também foram excelentes meios para conseguir pautas interessantes. Algumas reportagens do Enfoque, alguns editoriais e a maioria das matérias do Perfil tiveram o *feeling* jornalístico e a percepção aflorada como base principal.

A preocupação na execução das pautas era dividida entre o texto e a foto, sempre tentando fazer com que uma completasse a idéia da outra. Enquadramento,

profundidade de campo e espontaneidade foram elementos procurados ao registrar as imagens. Porém, em alguns casos, principalmente nos primeiros dias de trabalho, alguns desses pontos deixaram a desejar. A nova e “deslumbrante” rotina desviava a atenção apenas para o texto, o que comprometeu a qualidade das primeiras fotos. A dificuldade em entrevistar e, ao mesmo tempo, tirar fotografias também prejudicou o resultado final da segunda tarefa. Após percebido o erro, ficou decidido que sempre enquanto um entrevistava, outro tirava fotos. No geral, conseguimos trabalhar bem a união entre texto e fotografia em cada matéria postada.

Dividido em sete seções (Perfil, Enfoque, Editorial, Bastidores, Torcida, Dia e Ombudsman), o sítio teve atualização constante, cumprindo com o que havia sido planejado. Assim, foram feitos por dia dois Perfis, um Enfoque, um Editorial, um texto de Bastidores, várias opiniões no Torcida e o abastecimento a todo instante da coluna Dia. O Ombudsman foi atualizado quando possível, pois pessoas externas ao grupo se comprometeram a realizar este trabalho, a única seção com problemas; exceção da qual será discorrido a seguir.

3.3 - CLICKPAN EM TEORIA E PRÁTICA

Balizar o trabalho pelas categorias estabelecidas durante o embasamento teórico, no projeto de pesquisa, foi fundamental para desempenhar o que foi proposto. As investigações em torno dos temas internet e jornalismo esportivo fundamentaram a implementação de um modelo de jornalismo eletrônico, sobretudo, com a nossa cara e não mera cópia.

Dentre alguns de nossos estudos, o estabelecimento da internet se dá a partir de linguagem própria (a), padrões exclusivos de veiculação de informação (b), agilidade (c), pessoalidade (d), acessibilidade e interatividade (e).

- a- A estrutura do texto de internet se diferencia de qualquer outro texto jornalístico pois, além de mais sucinto, deve conter elementos capazes de prender a atenção do leitor durante todo o texto. A dispersão no meio eletrônico é muito grande e, por isso, as informações devem ser diretas e, mais ainda do que em jornais de grande circulação, universais. Buscamos, neste ponto, padronizar o tamanho máximo das matérias em torno de uma

página, em fonte *Times New Roman* 12, espaçamento simples – ao publicar no *site*, o texto era convertido em fonte *Arial* 10, para facilitar visualização.

Dessa forma, o internauta que entrasse no sítio tinha uma compreensão de qual tipo e tamanho de texto que encontraria durante toda a cobertura realizada, logo no primeiro acesso.

- b- Informação e internet são sinônimos. Uma não existe sem a outra e se reinventam o tempo todo. Por isso, a notícia na *web* tem particularidades que diferem dos outros meios eletrônicos e mesmo dos impressos. A estrutura da notícia, em sua forma física, deve ser agradável, “limpa” para não ser dispersa e com poucos elementos de interatividade – ou seja, o máximo que o leitor deve fazer é rolar a barra de rolagem para cima ou para baixo. Incluir uma rolagem para direita ou esquerda, por exemplo, cansam e comprometem uma leitura integral. Nesse sentido, seguimos o padrão de texto mais simples possível, e nem por isso, com menos qualidade.
- c- Assim como no rádio, uma das características da internet é a instantaneidade. Para suprir esta característica no *website*, foram disponibilizadas notícias em RSS, considerando que o usuário de um *site* de notícias vai querer informações atualizadas da forma mais rápida possível. Já nossa meta, por se tratar de uma cobertura diferenciada e em número reduzido de pessoas, se comparado a qualquer redação de outro portal, era atualizar o site diariamente. A frequência (com atualizações efetuadas sempre à noite) garantia ao leitor conteúdo novo todos os dias e, também, a fidelidade. Deixar de realizar este processo era levar o *site* a uma situação de descrédito e ,logo, comprometendo a seriedade do trabalho.
- d- Ao mesmo tempo em que a internet é o mais abrangente meio de comunicação, por permitir informações de todos os tipos, é na identificação com o leitor que conseguirá atrair sua atenção. Portanto, com bases no jornalismo de revista, procuramos realizar um trabalho no qual nosso público se identificasse e se sentisse atraído pelo conteúdo, o que nos leva ao último item desta seção.
- e- Acessibilidade e interatividade são marcas registradas da rede mundial de computadores. De nada adianta ter informações se, para entrar no *site*, as complicações forem tantas que levem o internauta a desistir de continuar a buscar pela informação. Optar por recursos simples e básicos, ao invés de

pesados programas de difícil acesso, é garantir que, desde o usuário de conexão discada, até o de banda larga, mas com um computador simples, todos terão acesso ao sítio eletrônico. Outro ponto ímpar nesta relação de produção *versus* leitura é a capacidade de se adequar, quando possível, às exigências de um novo leitor que, por ter de maneira mais fácil recursos de crítica (no nosso caso, o Fale Conosco), o faz de maneira mais recorrente - o que sinaliza como um termômetro da nossa capacidade de produção.

Longe da narrativa padrão do lide e sublide, o trabalho buscou suas bases no jornalismo de revista em que não é necessário lançar mão de recursos de padronização cotidiana. Assim, o uso criativo de recursos envolve o leitor de uma maneira mais sutil, mais emocional. A utilização de novos verbos nas construções textuais, como “comemorar”, “sussurrar”, “explodir em alegria”, “se debruçar em lágrimas”, segundo Adelmo Genro Filho, tira a operacionalidade do texto e dar a ele contornos mais próximos da realidade. Por isso, como era nosso foco, utilizamos um texto mais livre, longe do que poderíamos chamar de formatação padrão e próximos do que Vilas-Boas define como estilo – a capacidade de extrair toda a emoção, todo o contexto, do que foi coberto.

Se a notícia fria e crua não combina com o jornalismo esportivo, trazer emoção ao texto é essencial para prender a atenção do leitor. Quando se defende aberta e claramente o que se escreve está, também, se reconhecendo e validando a capacidade de discernimento do internauta, pois, ao deixar em evidência qual posicionamento é tomado, tomamos por base que fique compreendido que aquele é apenas um ponto de vista sobre o tema tratado. Assim, sempre deixamos claro em nossos textos de qual ponto de vista escrevíamos, sabendo inclusive de nossa impossibilidade de ouvir todos os principais lados do assunto. Estabelecer uma relação justa com o leitor promove o debate e tira todo o peso da discussão a respeito de imparcialidade e objetividade no texto jornalístico.

Fomos além, no entanto. A falta de artifícios, adjetivos, que expressem a emoção do repórter com relação a seu objeto de trabalho, sua reportagem, pode acarretar em graves injustiças. Ao não dar reconhecimento e destaque necessário a um atleta ou grandes acontecimentos, estamos tirando todo o brilho do que se reporta. Por isso, trabalhamos com a mistura de dois estilos: do épico à informação direta (KFOURI In: COELHO, 2003). Todavia, esse “ir além”, é mostrar preparação para cobrir qualquer

notícia que possa surgir. Neste sentido, podemos dizer que nosso objetivo foi alcançado: não nos restringimos, de maneira alguma, apenas ao universo do esporte.

Para se fazer um bom jornalismo esportivo é importante, ainda, lembrar que o esporte tem papel fundamental na construção de identidades e subjetividades. O esporte atua na construção de uma identidade nacional que se opõe à diversidade individual e à rivalidade entre equipes. A unidade na mobilização em torno do Pan 2007 transparece nas diversas editoriais trabalhadas. A preocupação em mostrar a relevância de um evento como este para a cidade do Rio de Janeiro, bem como sua capacidade de reflexão em toda sociedade brasileira, foi recorrente em grande parte dos textos. Mostrar o Pan pelo Pan nunca foi nosso objetivo.

3.4 - BASTIDORES CLICKPAN – SUCESSO DA NARRATIVA PESSOAL

O fato de ter escolhido um projeto como este gerou uma situação interessante. As pessoas, de uma forma geral amigos e familiares, mesmo tão próximos ficavam curiosos com todas as etapas do processo de desenvolvimento do projeto. Diante de erros e acertos, respostas positivas e negativas, a torcida era grande. Por isso, saber como as coisas se encaminhariam no Rio de Janeiro também era objeto de curiosidade. Com essa noção, resolvemos fazer o nosso *blog* no ClickPan 2007, o Bastidores.

A idéia inicial era fazer algo mais descompromissado, que escrevêssemos quando tivéssemos vontade de comentar algo de maneira mais informal e pessoal. Nem no projeto constava. No entanto, os planos tiveram que ser alterados, já que logo nos primeiros dias, todas as pessoas que conversamos sobre o nosso projeto adoravam ler a sessão. Muitos até diziam que era exatamente a primeira coisa que procuravam. O Bastidores se tornou tão sério que, no momento das divisões de pauta era contado como produção de texto obrigatório, assim como as outras sessões.

Essa seriedade não era somente na obrigatoriedade da coluna. Os relatos descritos em nosso *blog* traziam um ponto de vista mais pessoal, sem obedecer aos padrões jornalísticos da revista eletrônica. As palavras e gírias estão presentes em todos esses textos. As histórias contadas são da nossa vivência no Rio de Janeiro e no Pan-Americano: novidades, idéias que funcionaram, sorte, azar, dificuldades e facilidades. Se a emoção às vezes tomava conta nos relatos, o riso quase sempre era certo no *blog*, já que os percalços eram contados minuciosamente e quase sempre diários.

3.5 - PONTOS CRÍTICOS – O QUE NÃO FUNCIONOU NO CLICKPAN 2007

Apesar de o *site* ter alcançado resultados além dos que eram esperados, houve o que não funcionou como havíamos planejado. O sítio teve sérios problemas em Ombudsman e na qualidade de revisão dos textos.

Ao desenvolvermos o projeto, a idéia era deixar a sessão Ombudsman a cargo de jornalistas ou estudantes para elaboração de comentários e críticas sobre a produção jornalística apresentada no ClickPan. A cada dois ou três dias de produção, seria publicado um texto de Ombudsman, com análises do desempenho do grupo em relação ao conteúdo dos textos, coerência e críticas ao trabalho em geral. Todavia, em 19 dias de trabalho de cobertura, só foram produzidas duas críticas, com duas respostas, para promover a interlocução.

As parcerias estabelecidas antes da ida para o Rio de Janeiro não ocorreram, já que era período de férias e muitos de nossos contatos certos viajaram e nos deixaram desavisados. Com o excesso de trabalho e falta de comunicação mais eficiente não foi possível “remanejar” novos parceiros. Além disso, os dois textos publicados, não aprofundaram a discussão da maneira que desejávamos, com sugestões e cobranças, ficando rasos na construção crítica. Concluímos, assim, que o Ombudsman deve ser profissional contratado dentro do veículo de comunicação e longe da relação pessoal com a redação. É nossa certeza de que, não a incapacidade, mas o medo em criticar “amigos”, foi o elemento que contribuiu para que o texto soasse mais como um elogio do que uma crítica bem fundamentada.

Outro grande problema foi a revisão. Com a velocidade de produção, muitas palavras eram escritas com a grafia errada ou simplesmente “engolidas”; a concordância faltava e os erros não eram percebidos. Avaliar e encontrar defeitos no próprio texto é uma atividade complicada. Para diminuir os erros, ficou decidido que cada elemento do grupo corrigiria o texto do outro, mas mesmo dessa forma os erros ainda eram constantes. Com o tempo curto, pois estabelecemos para nós o limite da madrugada para publicar todo o material, e ao primar pela quantidade, tivemos dificuldade de manter um padrão de qualidade eficiente. Um revisor nesses casos seria fundamental ou, ainda, reduzir a produção.

Posteriormente, com o tempo mais tranqüilo, corrigimos os textos *on-line* à medida que encontrávamos problemas antes invisíveis aos nossos olhos. Não fosse a vontade em cativar o leitor pelo inédito, deveríamos ter seguido o plano inicial de

produção que consistia exatamente na mesma produção, só que realizada a cada dois dias.

Outro problema ainda foi detectado no trabalho, apesar de não ter uma influência na produção como nos dois primeiros casos. Em Goiânia estabelecemos contatos com assessorias de imprensa de alguns esportistas e modalidades que participariam do Pan-americano. No entanto, esses contatos não foram utilizados na produção, que praticamente se restringiu as figuras desconhecidas. Dificuldades técnicas e de acesso aos locais de entrevistas, além de problemas de comunicação, impossibilitaram o contato com os atletas. O importante é que um trabalho de planejamento foi realizado e, caso sentíssemos a necessidade primordial de buscar essas fontes, teríamos plena capacidade de fazê-lo.

3.6 - EMAIL DE CONTATO - RETORNO MAIS QUE DESEJADO

A interatividade com os internautas do ClickPan se dava através de nossa caixa de e-mail. Durante toda a realização do evento, foram recebidas mais de quarenta mensagens eletrônicas com comentários, críticas e sugestões a respeito de cada editoria ou do sítio como um todo. Eram amigos, pessoas conhecidas ou não, entrevistados e tantos outros que conhecemos ao longo da nossa cobertura jornalística que deram grande significado a nosso trabalho. Uma mensagem apenas já era o suficiente para dar novo fôlego para nossa produção, mesmo nos dias mais cansativos. O *feedback*, mesmo quando negativo, dava a plena sensação de dever cumprido, afinal, todo jornalista quer ter seu trabalho apreciado.

Se o nosso Ombudsman não funcionou como gostaríamos, foi através do e-mail que recebemos as críticas e sugestões necessárias a respeito de nossos textos. A caixa de mensagens eletrônicas era o nosso retorno, nossa garantia de contato direto com nossos internautas. Pelo e-mail recebemos apoio de amigos, colegas e de alguns entrevistados, que nos ajudavam, com palavras de incentivo, a continuar nossa caminhada.

3.7 – NOSSO OLHAR SOBRE O PAN

Para cada seção do *site* foram utilizados elementos jornalísticos diferentes, sendo que cada uma destas editoriais assumiu uma forma característica. Os estudos, a parte teórica do projeto, os objetivos que definimos, as experiências jornalísticas anteriores e também a prática do trabalho durante Pan-Americano possibilitaram a estruturação dos textos e do site, como um todo.

A emoção, as nossas próprias sensações e, principalmente, o nosso olhar sobre o Pan prevaleceu em boa parte das matérias. O fato de valorizarmos as pessoas que fizeram os Jogos acontecerem e de estarmos atentos ao que ocorria em torno do tema central “Pan Rio 2007”, além do domínio da linguagem de revista eletrônica e do conhecimento de jornalismo esportivo, possibilitaram a estruturação das sete editoriais do *site*.

Ao longo da jornada, conhecemos pessoas e a essência do povo que fez do Pan uma grande festa cultural, uma verdadeira salada de cores, sentimentos e tradições. No total, foram 29 personagens com histórias de vida e experiências, que passaram a ser nossas também. Olhares, pontos de vista e opiniões que agregaram à seção Perfil novos valores e idéias, em um trabalho jornalístico que consideramos mais humano. Pessoas inesquecíveis, no maior evento esportivo das Américas.

O olhar diferenciado sobre o Pan, juntamente com dados, informações e fatos, deu o toque especial às 20 matérias do Enfoque. Por meio de reportagens, que não se detiveram apenas a resultados e jogos, abordamos os diferentes aspectos do Pan e da cidade do Rio de Janeiro. As crônicas, que transmitiram sentimentos, realidade e a magia do esporte, também serviram para relatar um pouco mais sobre os Jogos.

Opinião e crítica devem ser capacidades não só exclusivas de jornalistas, como também do cidadão. Pensando nisso, o Editorial de cada dia explorou pontos do Pan-Americano que mereciam discussões e debates. No entanto, a crítica por si só não tem valor e, por isso, procuramos sempre apontar soluções e dar nossa opinião com embasamento nos 17 editoriais ao longo do Pan. Era nesse momento que nossa capacidade crítica era colocada à prova; quanto respondíamos a questões fundamentais a respeito de vários aspectos dos Jogos e que não se resumiam a uma mera escolha de posicionamento.

Um evento esportivo da dimensão do Pan-Americano também tem como destaque a Torcida. Pessoas vindas de inúmeros lugares do continente americano, até de

outras regiões, de diferentes jeitos, idades, raças e pensamentos estamparam o espaço para opinião do torcedor. A mobilização do esporte e a formação de identidades no estabelecimento de relações sociais como questão teórica foi traduzida na prática pela voz do povo.

Apesar de ser uma cobertura que se propôs a abordar o Pan sobre outro viés, não poderíamos deixar de lado os jogos, fatos e resultados. A seção Dia, abastecida via RSS da agência de notícias G1, proporcionou a dinâmica para deixar o internauta por dentro das últimas notícias dos Jogos.

Já os 18 textos dos Bastidores deram o lado irreverente e descontraído ao *site*. Jogar aberto e expor para o leitor nossos dramas, alegrias e dificuldades proporcionou um retorno incrível: a proximidade com os internautas. O nosso *blog*, que não deixou de ter um pouco de viés jornalístico, complementou a questão do "olhar sobre o Pan". Ora, pois também éramos personagens daquele evento. Fomos em busca de realização pessoal e, sobretudo, profissional. Não conseguir efetuar a tarefa a que nos propusemos era ter de pensar em outro objeto para nosso trabalho de conclusão de curso.

Por fim, a seção que mais tivemos dificuldade, a que, em uma autocrítica, deixou a desejar foi o Ombudsman, desta vez *en passant*. Encontrar pessoas da área de comunicação para avaliar com severidade nosso trabalho não foi nada fácil. Mas conseguimos algumas análises interessantes sobre o projeto, o que também incentivou o debate interno sobre algumas questões, visando a melhoria do *site*.

3.8 - ALÉM DA REDAÇÃO

Sua história de superação lembra a de grandes esportistas. Primeiro o baque de se sentir inoperante. Depois, a recuperação e força total para continuar vivendo. "Andei mais que os atletas. Daqui há pouco quem ganha medalha de ouro sou eu", diz Mariza. E Ela merece⁴

O trabalho não se resumiu, contudo, somente ao que foi relatado até aqui. O trecho citado acima, de Adriano Leite, é exemplo da realidade de cada novo personagem, que trazia para cada um de nós, à nossa experiência jornalística, a grandiosa experiência que é a própria vida. Gente com uma enorme capacidade de superação e transformação e de ensinar!

⁴. Texto de Adriano Leite na sessão [Perfil](#) do dia 30/07/2007.

Mas as experiências foram além. A própria viagem a uma cidade diferente e praticamente desconhecida por dois integrantes. Viver a cidade do Rio de Janeiro de uma forma tão intensa seria privilégio até para os cariocas. Conhecemos a cidade a fundo. Da zona nobre, ao subúrbio. Do ônibus com ar condicionado, ao ônibus todo enferrujado. Para a Gabriela Canseco, só a viagem de avião despertava um sentimento novo.

Na primeira semana de produção, os textos eram geralmente produzidos nos mesmos locais, e andávamos os três juntos. Mas à medida que a cidade passou a ficar familiar, cada um se arriscava para um local diferente em busca de matérias com abordagens mais amplas sobre o Pan-Americano. O desprendimento nos permitiu ótimas histórias e nos deixou independentes em nossa própria produção.

Perfil foi a nossa maior conquista com o ClickPan. O contato com todos os tipos de pessoas e narrativas oferecia a oportunidade de fazer o que todo jornalista precisa saber: contar histórias. E ouvimos muitas, tão diferentes da nossa realidade, quanto o próprio cenário do Cristo Redentor. Tão belas como o entardecer em Copacabana: o alaranjado do céu, o sorriso no rosto da senhora que, de longe, era a sombra da decadência; os parques do aterro do Flamengo, e os olhos tristes de quem achava que não tinha nada para contar. Sim, em suas mil faces, o Rio de Janeiro continua lindo.

O Perfil trouxe a história do gari Ricardo Sarmiento, que é judoca e árbitro de jogos nos momentos de folga, que observada todos os movimentos no complexo Rio Centro. A aposentada Mariza Almeida, um senhora simpática e animada, que apesar dos problemas de solidão e saúde, tentava levar sua vida da maneira mais agradável possível. Os “gringos” Hamish e Beverly Robertson chamaram a atenção com sua vestimenta canadense, e logo, pela intensa torcida para a filha campeã de Badminton. Os garotos da Baixada Fluminense que fizeram a festa no Estádio do Engenhão com a imitação de “Pânico na TV”. Ou ainda, o trabalho voluntário de Coelho, um homem que treina gratuitamente mais de cem crianças carentes no subúrbio carioca.

Mas há ainda outros fatos e momentos que merecem ser narrados com mais detalhes. Na nossa primeira segunda-feira no Rio de Janeiro começaram a aparecer os problemas na pauta. Quase todo o planejamento feito para o dia 16 tinha acabado, pois, ao chegarmos para comprar ingressos para os jogos, quase todos estavam esgotados ou caros demais. Eis que o mero acaso faz surgir uma discussão entre um ambulante com os policiais da guarda municipal carioca, seguido de gritos e aplausos de uma senhora que transitava pelo local, repreendendo a ação do segundo. A agilidade de pegar a

câmera, fotografar e correr atrás dos fatos foram instantâneos. Em poucos minutos conseguimos cumprir duas editorias!

Logo mais, um comentário resolveu mais um Perfil. Como poderíamos, sem ajuda do “mero acaso”, saber que um daqueles senhores nas redondezas da arena do vôlei de praia (onde estávamos) poderia ter treinado a seleção brasileira de vôlei? Isso seria o suficiente para deixar o dia completo, mas ao subirmos a Avenida Princesa Isabel nos deparamos com o ex-ministro dos esportes, Agnelo Queiroz, saindo do hotel para o aeroporto. Bloco, gravador e máquina às pressas, uma rápida e improvisada entrevista, umas das mais importantes de todo o site. No prazo de uma tarde, vivemos uma das experiências mais fantásticas da viagem: as coisas aconteceram e só precisamos ter o trabalho de registrar!

Outro momento marcante foi a primeira ida ao Estádio João Havelange, o Engenhão, no bairro de Engenho de Dentro, Zona Norte da cidade. O subúrbio do Rio de Janeiro mostrou uma realidade desconhecida da grande maioria dos visitantes e turistas. E as diferenças são latentes, desde os detalhes, até a própria organização do espaço geográfico. Os ônibus eram mais velozes (chacoalhavam muito), as ruas mais sujas e um asfalto, na maioria das vezes, castigado. As modificações feitas somente ao redor do Engenhão eram uma tentativa de camuflar os problemas de uma das regiões mais carentes da cidade. Era, na forma do desleixo do poder público para com o local, o grito preso na garganta de milhões de habitantes que sabem que as contradições no Rio de Janeiro continuarão, pois o “progresso” não chegou para todos.

Por mais que fosse um evento grandioso, a miséria e a desigualdade social estavam presentes para qualquer um que quisesse enxergá-las. Uma faixa entre a Avenida de acesso da Zona Sul para a Barra da Tijuca/Rio Centro estampava um texto forte e simples: “Apesar do esquecimento a Comunidade da Vila do Autódromo deseja sucesso ao Pan - 2007”. Os mendigos continuaram a dormir nas praias e ruas da cidade, em uma amostra de que os investimentos foram muitos, mas não privilegiaram a parte mais importante de qualquer lugar, que é a sua população, os seus cidadãos.

Como bons brasileiros apaixonados pelo futebol, acompanhar a final feminina no Estádio do Maracanã com a medalha de ouro para o Brasil foi algo além de qualquer cobertura jornalística. Assistir a um jogo no Maracanã é emocionante, mas se for uma final de futebol para um apaixonado por esportes é pessoal, impossível de ser colocado em palavras. Emoção que começa antes de chegarmos ao local, na concentração do metrô verde-amarelo, passa pela entrega de bilhetes e por cada chute a gol, até ser

finalizado nos gritos por 60 mil pessoas: “É campeão, é campeão!”. A abertura, o encerramento dos jogos e, imaginem, até o Hipismo se revelou como um esporte que é pura emoção! O silêncio durante o trajeto do cavaleiro dá lugar a um coro que descarrega toda sua tensão ao final do último obstáculo pelo qual o cavalo passa. Porque o esporte é assim. Simples e surpreendente.

4 - CONCLUSÕES

Um trabalho que certamente nos marcará para sempre. Pode até soar redundante, já que a experiência de terminar o curso que, provavelmente, nos guiará pelo resto de nossas vidas já é por si só um dos acontecimentos mais importantes de nossa breve existência. No entanto, acreditamos que poucos terão um vínculo tão grande com seus últimos projetos na graduação.

O site ClickPan já era um sonho, antes mesmo de sabermos o que ele seria. O projeto de ida para a Copa foi tentado de todas as maneiras possíveis e o sentimento de frustração, transformados em força é que deram os ingredientes fundamentais para que tentássemos a trilha que agora finalizamos.

Hoje já não nos imaginamos sem ter ido ao Pan. E mesmo assim, o maior evento esportivo das Américas nos pareceu tão distante por tantas vezes. Ir, voltar. O caminho sempre implica em aprendizado, em amadurecimento. Das dificuldades tiramos lições que nos acompanharão por toda nossa carreira; a cobertura dos Jogos Pan-Americanos, com toda a certeza, nos credencia como melhores profissionais do que jamais poderíamos ter imaginado sair da academia. A experiência de colocar em prática os conceitos aprendidos em quatro anos de graduação, sob orientação, é, na falta de melhor adjetivo, magnífica.

Em nosso caminho, primeiro a experiência do projeto acadêmico. O trabalho desenvolvido a partir da análise e contextualização de literatura pertinente que nos revelou: a preparação bem fundamentada é elemento decisivo para uma execução eficiente, qualquer que seja o trabalho. Tratando ele então de objeto tão importante e passível de contestação, como é a informação, esse estudo prévio se torna quase obrigatório.

Depois, a parte prática. Desde o planejamento até a execução em si do *site*. E como essa etapa parece ser simples. Quem vê tudo o que foi feito pronto, diagramado na

estrutura do sítio, nem de longe consegue imaginar por tanto trabalho que passamos. Atletas da comunicação que, vislumbraram um jornalismo esportivo pouco difundido e correram atrás. Correram tanto que, como todo atleta, só de completar a prova se dão por satisfeitos.

A cobertura jornalística do Pan-americano Rio 2007 foi mais que um sonho realizado, foi também lição de vida, experiência acadêmica e profissional, realização pessoal e, por fim, a certeza de que aprendemos muito, mais do que talvez a gente possa compreender.

A certeza que temos, é de que tudo só foi possível porque acreditamos e teve quem apostasse em nosso trabalho. O meio acadêmico proporcionou o espaço para debater, ousar, criar e fazer algo diferente. O espírito profissional nos deu a capacidade de ver além do óbvio, o *feeling* necessário e o despojamento essencial, sem deixar de lado a ética.

Entre tropeços e acertos, modelamos e demos cara ao que chamamos de "nosso filho". Acabamos com isso escrevendo mais uma parte da história de cada um de nós, que, com certeza, não acaba por aqui. Ainda há mais sonhos, mais desafios.

Creemos que agora uma palavra definiria tudo isso. Uma palavra, um verbo conjugado na primeira pessoa do plural, que veio à mente olhando para a beleza dos fogos da cerimônia de encerramento do Pan, em uma festa linda no Maracanã: **CONSEGUIMOS!**

Referências Bibliográficas:

- BARBEIRO, Heródoto. Manual de radiojornalismo. São Paulo: Campus, 2002.
- BASTOS, Priscilla. Jornalismo Esportivo: o primeiro passo para carreira. Rio de Janeiro. 2006. Disponível em http://www.olharvirtual.ufrj.br/2006/imprimir.php?id_edicao=162&codigo=4. Acesso em 30 de maio de 2007.
- BORELLI, Viviane. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. Rio Grande do Sul. 2002. Disponível em http://repositorio.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/19083/1/2002_NP18BORELLI.pdf>. Acesso em 25 de maio de 2007.
- CASTELLS, Manuel. A Galáxia da Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2003.
- COELHO, Paulo Vinícius. Jornalismo Esportivo, São Paulo: Contexto, 2003.
- DIAS, Guilherme Ataíde. Periódicos eletrônicos: considerações relativas à aceitação deste recurso pelos usuários. Ci. Inf., Brasília, v.31, n.3, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652002000300002&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em: 03 Jul 2007. Pré-publicação.
- GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, Tchê, 1987. Disponível em <http://www.adelmo.com.br/bibt/t196-09.htm>>. Acesso em 03 de julho de 2007.
- GUEDES, S. L. O futebol brasileiro: instituição zero. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Museu Nacional, UFRJ, 1977.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Linearização, cognição e referencia: o desafio do hipertexto. In: COLÓQUIO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE ANALISTAS DO DISCURSO, 4. Santiago, Chile, 1999.
- NIELSEN, Jacob. Projetando websites: designing web usability. Rio de Janeiro : Campus, 2001.
- PINHO, J. B.. Jornalismo na Internet. São Paulo: Summus, 2003.
- PASQUINELLI, Matteo. *Mediactivismo – Estrategias e Prácticas de la Comunicación Independiente*. Roma, 2002. Disponível em http://sindominio.net/afe/dos_mediactivismo/Mediact_intro.pdf . Acesso em 1 de julho de 2007.
- SOBREIRA, Geraldo. Manual da Fonte: Como lidar com os jornalistas. São Paulo: Geração Editorial, 2002.
- SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil – 4ªed. [atualizada]. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VILLAS BOAS, Sérgio. O estilo magazine: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.

APÊNDICE

A – COBERTURA DIA-A-DIA

B – DIA (RSS)

C – TORCIDA

D – BASTIDORES

E – O PROJETO

F – QUEM SOMOS

G – FALE CONOSCO